

Coordenação:

Dr. Héctor Ricardo Leis

Vice-Coordenação:

Dr. Selvino J. Assmann

Secretaria:

Liana Bergmann

Editores Assistentes:

Doutoranda Sandra Makowiecky

Doutoranda Cristina Tavares da Costa Rocha

Doutorando Adilson Francelino Alves

Área de Concentração
ESTUDOS DE GÊNERO

Linha de Pesquisa
Sexualidade, Saúde e Direitos Reprodutivos

**PRÁTICA SEXUAL ENTRE MULHERES:
IDENTIDADE OU PLURALIDADE SEXUAL ?**

OLGA REGINA ZIGELLI GARCIA

Nº 56 – Dezembro de 2003

Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas

A coleção destina-se à divulgação de textos em discussão no PPGICH. A circulação é limitada, sendo proibida a reprodução da íntegra ou parte do texto sem o prévio consentimento do autor e do Programa.

Prática sexual entre mulheres: identidade ou pluralidade sexual?

Olga Regina Zigelli Garcia*

RESUMO: Trata-se de um estudo realizado em dezembro de 2003 através de uma pesquisa descritiva exploratória com enfoque qualitativo, desenvolvida em Florianópolis, com 10 mulheres que mantêm uma prática sexual com outras mulheres, mas se identificam como heterossexuais por possuírem parceiros sexuais do sexo oposto. Frente a esta realidade, o trabalho busca uma reflexão sobre questões como: O que é ser mulher; O significado do termo lésbica; homoerotismo; e a relação entre prática e identidade sexual. O resultado do trabalho aponta para necessidade de, neste início de milênio estarmos abertos para pluralidade como componente da liberdade individual e da diversidade sexual humana.

Palavras-chave: homoerotismo, homossexualidade, lesbianismo, identidade, práticas sexuais.

* Enfermeira, Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem da UFSC e doutoranda da área de Concentração Estudos de Gênero do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFSC.

** Trabalho de conclusão da disciplina de Sexualidades do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. (Profs. Drs. Miriam Pillar Grossi e Flávio Braune Wiik).

Introduzindo o tema

O estudo da sexualidade humana aponta para construção, ao longo da história, de moldes unívocos que buscaram na correspondência entre sexo biológico e gênero social, a coerência da identidade de gênero.

Nesta ótica Judith Butler (2003), em seu livro *Problemas de Gênero*, demonstra que, ao longo da história foi construída uma matriz heterossexual que acabou por impor uma ordem compulsória do binarismo macho/fêmea e por consequência, do sexo/gênero/desejo.

Segundo Tânia Swain (2002), o feminismo cunhou a categoria de gênero, opondo-se ao sexo biológico, na tentativa de eliminar o conceito de essência (natureza) de um fundamento intrínseco para os seres que definiria mulheres e homens, que teriam, segundo sua natureza, papéis a serem desempenhados.

Para Butler, (2003:26) a distinção entre sexo e gênero se fundamenta na idéia de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído, consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco aparentemente fixo como o sexo. Afirma que:

“A idéia de que gênero é construído sugere um certo determinismo de significados de gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino”. (BUTTLER, 2003:26).

Neste olhar, é importante citar John Gagnon (1999), em sua fala sobre o uso explícito e implícito da perspectiva dos scripts nas pesquisas sobre sexualidade. Este autor define os *scripts* como sendo o desenvolvimento de um aprendizado da significação dos estados mentais internos, dentro de uma organização de seqüências de práticas sexuais, de situações inéditas e do estabelecimento de limites de respostas sexuais, a uma leitura de significados dos aspectos sexuais e da própria experiência sexual. Ao se fazer uma analogia com o que ele diz, poder-se-ia inferir que, assim como a conduta sexual, a concepção de gênero pressuporia um sistema cognitivo estruturado, ou seja, um script, ressaltando-se que, segundo Gagnon, os scripts não são propriedades cognitivas de atores isolados, mas são parte integrante de uma estrutura social.

Em contraposição ao “*determinismo*” da categoria gênero, Butler (2003) demonstra que existem discordâncias no significado desta terminologia e declara que estas discordâncias estabelecem a necessidade de repensar radicalmente as categorias da identidade no contexto das relações de uma assimetria radical de gênero.

Swain (2002) afirma que, em relação à naturalização do binário heterossexual, os paradigmas de gênero e a heterossexualidade fazem parte da homogeneização da realidade social e do caráter de evidência que encobre a erotização obrigatória do sexo biológico generizado. Neste início de milênio, questionar a heterossexualidade ainda é problemático: em vista da diferença física dos caracteres sexuais entre fêmea e macho e da força das representações sociais que exigem a correspondência exata gênero/sexo, a multiplicidade do desejo é obscurecida e, sobretudo domesticada. Esta autora ressalta que interrogar as lacunas do discurso pode criar espaços para multiplicação das representações sociais quebrando o peso da norma e da evidência.

Segundo Michel Foucault (2001) ocorre a inversão das evidências, em busca da vontade de verdade que as sustentam, das redes de poder estabelecidas na ordem da verdade. Isto leva a um quadro de pensamento e representações sociais que limitam o alcance de seu olhar. Este pensamento leva à recusa dos moldes identitários unívocos que definem os limites dos gêneros: além do gênero e da diferença sexual, o sexo e a sexualidade são deslocados de sua confortável situação de “*evidência natural*”.

A utilização da categoria "gênero" e a naturalização da heterossexualidade delimitam a legitimidade de seus espaços discursivos; tudo que ultrapassa as margens é "desviante" e apresentado como tal.

O "gênero", enquanto categoria de análise desvenda o leque de práticas sociais que instituem o feminino e o masculino, mas mantém ainda a parte substantiva que liga a construção cultural ao sexo biológico.

Neste caso, a identificação perfeita do sexo ao gênero é igualmente um valor que erige a heterossexualidade em norma e disciplina como eixo de exercício do poder. Nesta perspectiva, Foucault questiona:

"[...] o sexo, que parece ser uma instância dotada de leis, coerções, a partir das quais se definem o sexo masculino e o sexo feminino, não seria ele, ao contrário, produzido pelo dispositivo da sexualidade?" (FOUCAULT, 1988:259).

Swain (2002) afirma que, nos dias atuais, a identidade não aparece mais como um dado, mas como um processo que constrói uma forma e faz sentido no interior de um regime de verdade singular: na visão do múltiplo, os lugares designados ao centro/periferia ou hegemonia/marginalidade são desta forma, questionados.

"O pós-modernismo, que denuncia as verdades essenciais, os discursos do 'natural', a existência de um sujeito estável e coerente como artificios do poder, encontra-se na démarche feminista que recusa a idéia de uma 'verdade do sexo', expressa por uma prática sexual diretamente ligada ao sexo biológico. (Flax, 1987:624) Pois, como sublinha Foucault, '[...] a verdade está ligada de modo circular aos efeitos de poder que cria e que a reproduzem' (Foucault, 1988:14). É o caso da identificação presumida do gênero/sexo como um fato de natureza unívoca, do qual a heterossexualidade é a marca da norma instituída socialmente". (SWAIN 2002:7)

O que é ser mulher? O que nos traduz o termo lésbica? O que é homoerotismo? A prática sexual conduz a uma identidade sexual?

Estas são perguntas com múltiplas respostas, uma vez que cada cultura, organização social, cada época, tem a sua maneira de encarar estas questões.

Tendo em vista estas questões, o presente estudo foi realizado com mulheres que mantêm uma prática sexual com outras mulheres, mas se identificam como heterossexuais por possuírem parceiros sexuais do sexo oposto.

Seriam elas homossexuais, lésbicas, homoeróticas, ou apenas mulheres que assumem a pluralidade na conduta sexual humana e não se enquadram na normatividade do binarismo hetero/homossexualidade.

Neste estudo, é investigada esta temática, na busca de um salto qualitativo, no entendimento e aceitação da multiplicidade e pluralidade das relações humanas, para muito além do social, incluindo o sexual.

1. Fazendo a revisão da literatura

Homoerotismo/ Homossexualidade/ Lesbianismo

O termo homoerotismo refere-se, no dizer de Jurandir Freire Costa (1992) à possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico. Ainda segundo este autor, sua particularidade em nossa cultura se deve ao fato de ser uma experiência subjetiva moralmente desaprovada pelo ideal sexual da maioria: o da normatividade do binarismo heterossexual/homossexual.

Peter Fry e Edward MacRae (1991) afirmam que ao se perguntar o que é homossexualidade parte-se do pressuposto de que ela é alguma coisa. Para eles, o problema neste pensamento reside no fato de ser a homossexualidade uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Segundo estes autores, não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade, pois há tantas maneiras de representá-la e praticá-la quanto há sociedades, épocas históricas e grupos distintos nestas mesmas sociedades. Nesta ótica propõem uma postura relativizante, que é a de enxergar a questão da homossexualidade como sendo essencialmente uma questão política e cultural. Ao longo de seu livro “O que é a homossexualidade” os autores argumentam que a homossexualidade “*é, acima de tudo, um fato social*” (p 120).

Classificado como prática homossexual e inserido no imaginário coletivo ocidental como “desvio”, o lesbianismo ainda hoje suscita muitas questões. Existe um mal-estar social em torno do mesmo que tende a qualificá-lo como mutilação do SER mulher. Mas afinal, o que define lesbianismo, o amor ou o sexo? O que é ser lésbica? É uma preferência sexual eventual ou sistemática?

Foucault (1987) demonstra que a taxionomia – a classificação depende de nossos hábitos de categorizar os seres.

Existem várias concepções e definições do lesbianismo. Estas diferentes concepções fazem com que o lesbianismo seja categorizado, ora pelo amor entre mulheres, ora pela simples prática sexual entre as mesmas. Existem aqueles que vêem no lesbianismo uma saída para as mulheres “*mal amadas*” que se voltam para o mesmo sexo pela impossibilidade de ter relações “*normais*”, por pura e simples frigidez ou ainda por não conseguir atrair os interesses de um parceiro do sexo oposto.

Richard Parker (1991) afirma que há dois tipos de mulheres homossexuais: “sapatão” e “sapatilha”. “Sapatão”, é a mulher envolvida em relações sexuais com outra mulher, que personifica as mais surpreendentes possibilidades e se afasta mais completamente das normas esperadas do comportamento feminino. Para este autor, inicialmente, o sapatão é definido mais em termo de seu estilo fundamentalmente masculino do que do seu comportamento sexual. A sapatilha é aquela mulher que, ao envolver-se em relações sexuais com outra mulher mantém sua identidade feminina pelo desempenho propriamente passivo. O sapatão reproduziria o papel masculino e a sapatilha, o feminino. Assim, segundo o autor, as oposições que estruturam o relacionamento geral entre homens e mulheres, reproduzem-se na dualidade complementar do lesbianismo tradicional, funcionando também dentro das distinções dos domínios masculino e feminino. Parker salienta que a falta de ênfase sexual é compreensível apenas quando se percebe que a própria idéia da conduta sexual feminina fora de um contexto de confronto com a sexualidade masculina, é quase impensável no imaginário tradicional ocidental e em especial do brasileiro e, ressalta o autor:

“Para ser completamente apreendido e manipulado, tanto intelectual como emocionalmente, o ato sexual entre duas mulheres, tem de ser estruturado paralelamente às relações de sexo oposto, em termos de atividade e passividade, penetrar e ser penetrada... surgindo então a distinção entre sapatão e sapatilha... A sapatilha mantém sua identidade feminina pelo desempenho do papel propriamente passivo, o sapatão sacrifica sua feminilidade pela dominância ativa. [...] Assim, as oposições que estruturam o relacionamento entre homens e mulheres funcionam também dentro das distinções mais elaboradas dos domínios masculino e feminino”. (PARKER, 1991:88).

Neste contexto de múltiplas concepções, volta-se a pergunta: o que é ser lésbica?

A questão da identidade

Ao discorrer sobre a construção da igualdade na identidade sexual e política no Brasil da “Abertura” MacRae (1990) demonstra o quanto os homossexuais se empenharam na construção de uma identidade sexual e política, na tentativa de estabelecer uma prática igualitária. No entanto, salienta o autor:

“O movimento homossexual brasileiro vem encontrando suas maiores dificuldades e desafios justamente devido à sua pretensão de construir uma sociedade mais igualitária ao mesmo tempo em que procura alargar os limites à tolerância da diversidade, atuando especificamente no sentido de promover o questionamento das noções recebidas sobre a sexualidade e o papel social atribuído aos homens e às mulheres. Enfatizando o lúdico e o inconformismo, questionou a naturalidade das relações sociais e celebrou a soberania do indivíduo, promovendo o libertarianismo tanto explicitamente através de suas reivindicações, quanto implicitamente nos seus ideais de organização não-hierárquica”. (MAC RAE 1990:303).

Swain (2002:3) afirma que *“se voltarmos o olhar hoje, para os caminhos plurais do feminismo detectamos movimentos de cruzamento, de oposição ou de imbricação com o lesbianismo”*.

Este é um dos motivos pelos quais o desenvolvimento de teorias feministas plurais vem estimulando a desconstrução dos modelos únicos de ser mulher. A idéia de um feminismo singular, com discursos unificados, se desfaz assim ante a diversidade e a especificidade de experiências singulares de um ser-mulher-no-mundo.(SWAIN, 2000).

Este posicionamento das teorias feministas plurais vem ao encontro da afirmação de Denise Portinari (1989) de que ao incorporar os discursos unificados sobre a sexualidade humana (que contemplam o binarismo macho/fêmea), sem ter a noção de que constituem realidades ditas e, portanto, apenas aprendidas, não ocorre ao indivíduo que ele possa ser sujeito de um discurso que se esforça para recapturar a singularidade do desejo, pois a *naturalidade* dada pela forma do discurso se dispor no mundo impede semelhante percepção. Para esta autora, mesmo partindo do interior do discurso da sexualidade e atuando em conformidade com este, o discurso da homossexualidade funciona como crítica e ultrapassagem do sentido estabelecido, apontando para intraduzibilidade da idéia de homossexualidade feminina e da idéia de mulher em geral.

Tal idéia é corroborada por Swain (2000:93-4):

“ Se as classificações tentam definir um perfil para a sexualidade lesbiana, a tarefa é inglória. Não há UMA sexualidade lesbiana, pois não há um modelo a ser seguido, não há uma receita, não há mistérios; presente-se uma busca e um conhecimento do próprio corpo, que é utilizado no prazer de outrem e de si mesmo. (p.86). [...] tentar traçar o perfil da lésbica ou das lésbicas é uma tarefa impossível, pois não há substância à qual se prender, não há um bloco homogêneo e monolítico de coerência, não existe um tipo de experiência única que possa tomar o lugar de um referencial estável, de um protótipo. A criação de um modelo é uma forma de totalitarismo interno, vinda de um grupo que se erige como arauto do verdadeiro lesbianismo. É muito fácil cair no essencialismo quando se reivindica uma identidade, quando não se liga o ser a uma prática, a uma atração, a um gosto. Uma definição já é um cerceamento, é demarcar apenas uma forma de ser”.

Colaborando com este pensamento Fry e MacRae (1991) citam um grupo radical americano denominado *“Radicalesbian”* que propõe que as mulheres deixem de ser julgadas em termos de seu comportamento sexual e que sejam levadas em conta as suas identidades totais, por isso ao invés do termo lésbica preferem falar em *“mulheres identificadas com mulheres”*.

É lesbiana aquela que ama, dorme, se sente atraída, vive com outra mulher? Todas estas opções, ou uma dentre elas pode definir uma lésbica? É preciso ter um amor exclusivo pelas mulheres? É preciso haver

sexo genital para tornar-se uma? Estas simples questões desfazem a evidência da categoria e apagam os limites das definições. (SWAIN, 2002).

Ao concluir seu livro sobre lesbianismo Swain (2000) afirma que a identidade lesbiana é volátil, portanto nômade e por estar inserida num mundo instituído por representações, é uma ficção. Para ela as conquistas maiores de nosso tempo são a incerteza e o paradoxo que acabam por desmascarar as verdades de todos os tempos. Para fundamentar sua fala cita Monique Wittig (1980:3): “[...] *uma nova definição de pessoa e do sujeito para toda a humanidade só pode ser encontrada além das categorias de sexo (mulher/homem)*”, idéia esta referendada pela afirmação de Costa (1992:33) de que:

“A tentativa de combater o preconceito, mantendo íntegra a crença de que os sujeitos humanos são *“naturalmente divididos em homossexuais e heterossexuais”*, se não for impossível, é no mínimo extraordinariamente difícil”.

O mesmo autor afirma que, uma vez identificado como *“homossexual”* o sujeito dificilmente consegue proteger sua privacidade sexual do espaço público, pelo simples fato de ser sempre interpelado em nome de sua preferência erótica, como se sua pessoa se resumisse à singularidade de sua inclinação erótica:

“Jamais fazemos o exercício imaginativo de supor como seria a vida de alguém que, malgrado sua vontade, fosse permanentemente obrigado a ser reconhecido por sua preferência erótica e não por outras qualidades pessoais que quisesse ver apreciadas e respeitadas pelos outros. No entanto seria interessante imaginar como reagiriam certos homens heteroeroticamente orientados, caso tivessem que conviver com a exposição pública de algumas de suas tendências sexuais, costumeiramente resguardadas do olhar público por nossos hábitos culturais. Como esse homens reagiriam se tivessem que responder socialmente, não enquanto maridos, pais, profissionais, artistas, trabalhadores, cidadãos, honestos, indivíduos moralmente íntegros, etc., e sim enquanto *“praticantes do coito anal”, “adeptos do sexo oral”, “masturbadores contumazes” ou mesmo “usuários freqüentes de filmes e revistas pornográficas”*? Isto ilustra o respeito que dedicamos à privacidade da maioria heteroerótica e do desrespeito com que tratamos a preferência sexual das minorias. A preservação do vocabulário da *“homossexualidade e heterossexualidade”*, entre outros efeitos humanamente nocivos, priva os indivíduos com tendência homoeróticas de um privilégio que por direito e por exigências éticas também é seu”. (COSTA, 1992: 37):

A diversidade sexual humana

Frente a todos desejos e condutas sexuais possíveis no ser humano Costa (1992) questiona: por que imaginamos que exista uma atração única, uniforme e suficiente para definir a identidade sexual, social e moral de uma pessoa?

Segundo Anthony Giddens (1993), durante as últimas décadas ocorreu uma revolução sexual que tem conduzido muitos pensadores à reflexão sobre a sexualidade, passando ela a representar um reino potencial de liberdade, não maculado pelos limites da civilização atual. A este potencial de liberdade o autor dá a denominação de sexualidade plástica, ou seja, a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. Sendo assim, a sexualidade plástica é caracterizada como um traço da personalidade, estando deste modo, intrinsecamente vinculada ao eu, libertando a sexualidade da regra do falo, da importância da experiência sexual masculina.

Swain (2002:30) afirma que *“na fluidez de um desejo móvel, de uma identidade sempre em construção, a sexualidade ocupa um espaço de sombras chinesas: o ângulo da luz e o movimento modificam os contornos e o perfil”*.

Como visto, a cultura, constrói o gênero e o papel social que por sua vez constrói o corpo sexuado em uma erotização polarizada: as mulheres só podem se relacionar eroticamente com homens e vice-versa.

Quando, no dizer de Swain (2000), se ilumina o heterossexismo, a mesma lógica cria a norma institucional do coito regular, o que leva os corpos femininos a serem delimitados em suas práticas sexuais através de ritos de iniciação e interdições que definem sua mobilidade, suas preferências e a erotização em torno do masculino, conferindo uma identidade a partir de um corpo e de práticas sexuais definidas. A autora questiona: com que direito uma norma ou um valor explicam o Ser? Salienta que, com efeito, uma prática sexual não pode ser considerada como o fundamento de uma identidade, sobretudo no quadro de pensamento atual que vê na identidade um processo em construção.

Para Giddens (1993) nenhum limite deve colocado ao exercício da sexualidade, salvo aqueles ocasionados pela generalização do princípio de autonomia e pelas normas negociadas no âmbito dos relacionamentos, ou seja, a emancipação sexual consiste na integração da sexualidade plástica com o projeto reflexivo do eu. Assim, por exemplo, não é feita necessariamente qualquer proibição à sexualidade episódica enquanto o princípio da autonomia e outras normas democráticas associadas forem mantidos de todos os lados e ressalta: “*o reconhecimento das diversas tendências sexuais corresponde à aceitação de uma pluralidade de possíveis estilos de vida, o que vem a ser uma atitude política*” (p. 197).

Este reconhecimento da diversidade sexual do ser humano pode apontar para o que Portinari (1989) chama do problema central na questão da produção de subjetividade: o problema da determinação versus liberdade do sujeito e aí, entraríamos em outra temática, que não é objeto deste estudo, porque afinal: o que é liberdade para um ser humano pluralmente sexual?

2. Descrevendo a Metodologia

3.1 Tipo de estudo

O estudo foi realizado em dezembro de 2003 através de uma pesquisa descritiva exploratória com enfoque qualitativo, desenvolvida em Florianópolis, nos domicílios da amostra selecionada.

3.2 População alvo

A população alvo foi composta por mulheres que já tinham sido atendidas em consulta de sexualidade pela pesquisadora e que, uma vez convidadas, aceitaram participar do estudo.

O critério para seleção da amostra foi a busca nos registros de atendimento em sexualidade da pesquisadora, de mulheres que tinham, durante o mesmo, verbalizado a prática homoerótica com mulheres.

Do total de 16 mulheres cadastradas, dez foram contatadas por telefone e quatro em visita domiciliar (as que não possuíam telefone), num total de quatorze. Três não aceitaram participar do estudo e duas não foram localizadas nos endereços fornecidos, ficando a amostra total com onze mulheres.

Das onze mulheres entrevistadas, uma foi selecionada para responder ao teste piloto do questionário, sendo os dados coletados desprezados, ficando a amostra com dez mulheres.

3.3 Coleta de dados

Os dados foram coletados pela pesquisadora, através de visita domiciliar na qual foi aplicado um questionário semi-estruturado elaborado pela autora. (apêndice1) Antes de responder ao questionário, as mulheres que compuseram a amostra, além de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eram perguntadas se preferiam responder o questionário por escrito e mandar depois pelo correio (com proposta de pagamento das despesas de correio), responder ao questionário e entregar pessoalmente enquanto eram aguardadas ou ser perguntadas oralmente e ter o questionário preenchido pela pesquisadora. A totalidade

optou pela última possibilidade tendo em vista contato prévio com a autora nos atendimentos em sexualidade, sendo assim o questionário foi aplicado oralmente e preenchido pela pesquisadora.

A título de validação da amostra, foi aplicado um questionário para teste piloto do mesmo, sendo feitas às modificações que se fizeram necessárias no instrumento de coleta de dados e desprezados os dados coletados no mesmo.

3.4 Tratamento dos dados

Os dados coletados foram computados e analisados à luz da literatura. A fim de garantir o anonimato das mulheres entrevistadas, seus nomes foram substituídos por nomes de pedras preciosas brasileiras na reprodução de suas falas no corpo do trabalho.

3. Discutindo os Resultados a luz da literatura

Ao iniciar a discussão dos resultados ressalta-se que os percentuais apresentados representam o universo específico da amostra trabalhada, ou seja, dez mulheres.

A idade da amostra selecionada foi de 19a (2); 21a (2); 23a (1); 25a (3); 29a (1) e 31 anos (1). 60% é natural de Florianópolis e 40% de outras localidades (Criciúma, Lages, Joinville e São Paulo, uma de cada lugar respectivamente), todas procedentes da área urbana.

60% é estudante universitária (Ágata, Granada, Ametista, Esmeralda, Opala, e Ônix) e 40% possui segundo grau completo (Safira, Jade, Turquesa e Turmalina). 60% tem como profissão/ocupação estudante, sendo que destas 3 possuem bolsas de pesquisa. Os 40% restantes têm profissões variadas como: secretária, massagista, auxiliar administrativa e professora de berçário.

O estado civil da totalidade da amostra é o de solteira, sendo que 5 moram sozinhas, 3 com amigas e 2 com os pais. 40% já morou junto com companheiro do sexo oposto, por um tempo que variou de 6 meses a 2 anos. Nenhuma das mulheres teve a experiência de morar junto com outra mulher, com quem mantivesse prática sexual.

Dados relativos à Sexualidade

Em relação ao início da atividade sexual, três iniciaram aos 14 anos; duas aos 15; uma aos 17; duas aos 18; uma aos 19 e uma aos 29 anos. Para totalidade das mulheres entrevistadas, o início da atividade sexual foi com homem e todas tiveram penetração vaginal. Apesar de 100% das respondentes afirmar não ter tido orgasmo no início da atividade sexual, 50% julgou a mesma prazerosa. **“Orgasmo não senti, mas foi tudo muito gostoso”**. (Ágata, 21 anos)

Perguntadas sobre como descreveriam o início da atividade sexual, 10% julgou razoável **“Não foi uma Brastemp, mais foi bom”** (Ametista, 19 anos), 40% adorou, apesar de não sentir orgasmo **“Orgasmo eu não senti, mas foi muito gostoso”** (Granada, 25 anos) e 50% achou horrível porque esperava bem mais, além de terem sentido muita dor. **“Sempre ouvi de minhas amigas que transar era uma delícia. Eu achei horrível, tudo que senti além do medo, foi muito dor”** (Jade, 29 anos).

A primeira experiência de prática sexual com mulheres foi aos 17 anos para 20%; aos 21 para 30%; aos 24 para 40% e aos 30 anos para 10% , sendo que 40% descreveu a experiência como razoável **“Para mim foi mais ou menos, porque não fiz por mim, e sim porque meu namorado pediu, disse que seu sonho era me ver transando com outra mulher e eu, por ele, faço qualquer coisa”** (Esmeralda, 19 anos) e 60% descreveu como ótima, apesar da sensação de estar fazendo algo muito errado, referindo que pela primeira vez, em uma atividade sexual sentiram orgasmo e também pela primeira vez receberam sexo oral e

estimulação clitoriana. *“Apesar de saber que o que eu estava fazendo era errado, achei ótimo, pois pela primeira vez senti orgasmo”* (Turquesa, 31 anos); *“Foi através de uma mulher que fui apresentada ao clitóris e ao sexo oral em mim. Até hoje só faço esta prática com mulheres, porque meu namorado tem nojo e eu tenho vergonha de dizer pra ele que gosto”* (Safira, 25 anos); *“Eu sei que muitas pessoas condenam o que faço, mais ser masturbada por outra mulher foi o máximo e me fez gozar pela primeira vez. Meu namorado me masturba, mas não sabe o ritmo e a intensidade correta, só me irrita e eu tenho vergonha de dizer pra ele como eu gosto”* (Ônix, 21 anos).

Na opinião de 60% a religião a qual pertencem (católica) encara o sexo com restrições e pecado fora da procriação. Para 30% a religião (espírita) encara como algo natural e 10% não opinou, por não possuir religião (agnóstica). 90% não concorda e nem age conforme sua religião solicita, sendo que às vezes isto é fonte de conflito interior. 10% não opinou por não possuir religião.

Gagnon (1992) afirma que o comportamento sexual está inserido no contexto das práticas cotidianas das instituições (entre elas a igreja) que tratam da questão da sexualidade como condutas que devem obedecer a padrões estabelecidos de conveniência, não sendo, portanto, condenáveis. Estas instituições têm papel normatizador da sexualidade humana. Nesta amostra, num primeiro olhar, parece que este papel não interfere na prática sexual das entrevistadas. No entanto, se levarmos em conta falas como *“Apesar de saber que estava fazendo algo errado”* (Turquesa, 31 anos) *“Eu sei que muitas pessoas condenam o que eu faço”* (Ônix, 21 anos) percebe-se que a culpa e a sensação de transgressão da norma permeiam a sexualidade.

Solicitadas a descrever a vida sexual atual, 40% considerou ótima *“Adoro meu parceiro, fizemos de tudo e sempre tenho orgasmo”* (Granada, 25 anos); 30% julgou ótima quando a atividade sexual é com mulher e de razoável a ruim, quando é com o namorado *“Se considerar minhas transas com mulheres é ótima, se considerar com meu namorado é razoável na minoria das vezes e ruim na maioria”* (Opala, 23 anos); para 30% a vida sexual atual é péssima *“Se dependesse só do meu namorado seria péssima”* (Turmalina, 25 anos).

Percebe-se que para uma maioria expressiva (60%) a vida sexual é considerada ruim, se levado em conta somente o relacionamento heterossexual. Isto leva a reflexão quanto aos *scripts*, que no dizer de Gagnon (1993) são qualificados pelo cenário cultural, que por sua vez, depende do componente pessoal, salientando que as mulheres possuem representações sexuais distintas dos homens, o que pode ser um dos elementos que contribua para baixa qualidade, para este percentual, das práticas sexuais com o sexo oposto. Para o autor, ao desenvolver a seqüência de um ato sexual (*script*) é necessário pressupor a existência de um *script* que defina o que deve ser feito com a pessoa envolvida em determinada circunstância e em determinado momento. Fica aqui a pergunta: haverá harmonia, ou melhor dizendo sincronia entre os *scripts* dos parceiros envolvidos nestas práticas sexuais insatisfatórias com o sexo oposto?

40% sente-se com abertura para falar o que deseja com seu parceiro sexual, incluindo as dificuldades e facilidades sexuais. 10% relata não ter abertura, 50% referiu que apesar de ter abertura, não o faz por vergonha *“Só meu namorado pede o que gosta, eu tenho vergonha”* (Ônix, 21 anos). Ressalte-se que a totalidade só considera parceiro sexual o do sexo oposto, tendo, portanto respondido a estes quesitos, em relação ao mesmo.

Perguntadas se é costume confessar desejos sexuais e necessidades de carinho de ambas as partes na prática sexual, 40% respondeu que sim e 60% que com homens não, com mulheres, sim.

Gagnon (1993) refere que as mulheres possuem *scripts* distintos dos homens e a elaboração de *scripts* internos, implica no reconhecimento do padrão de comportamento como socialmente aceito, ajustando-se o padrão de comportamento com base no que é bom e ruim dentro da cultura.

Muito provavelmente a vergonha em buscar um canal de comunicação na atividade sexual com o parceiro do sexo oposto deva-se aos *scripts* internos que, ao ajustar-se ao padrão de comportamento cultural, exigem da mulher um papel passivo. Tal restrição não ocorre na prática sexual com mulheres,

muito provavelmente pela ausência neste tipo de relação de um *script* interno para a prática homoerótica, o que leva a ausência de um padrão de comportamento. Outra causa apontada, poderia ser o fato de que uma vez transgredindo o padrão de comportamento esperado, romperem-se as barreiras do medo do julgamento da outra, que igualmente seria uma “*transgressora*”.

40% permuta com o parceiro a iniciativa para atividade sexual; 20% tentou e foi criticada pelo parceiro e por este motivo, não toma iniciativa e 40% nunca tentou. O fato de tomar a iniciativa para a atividade sexual não traz problema para 10% das entrevistadas; para 30% trouxe problema quando tomou a iniciativa e o parceiro não quis; 20% já sofreu a crítica do parceiro por ter tomado a iniciativa **“Ele disse que isso não era coisa de mulher direita”** (Safira, 25 anos) e 40% nunca teve problema por nunca ter tentado tomar a iniciativa. 90% das mulheres deste estudo já tiveram sentimento de frustração por iniciar a atividade sexual. **“É horrível ter a coragem de tomar a iniciativa para atividade sexual e o namorado não querer. A gente se sente rejeitada”** (Turmalina, 25 anos).

Apesar da totalidade das respondentes afirmar conhecer as áreas do corpo onde gosta de ser tocada e acariciada para obtenção de prazer, apenas 40% verbaliza ao parceiro, sendo que 60% não o faz por medo do julgamento do outro. Ressalte-se que 60% alega ter descoberto as áreas do corpo que lhe proporcionam prazer, através da prática sexual com outras mulheres. **“Só uma mulher sabe, sem que se diga nada, dar prazer a uma mulher”** (Opala, 23 anos).

O tempo médio dedicado as preliminares na prática sexual com homens é de 30 a 40 minutos para 40% e de 5 a 10 minutos para 60%. **“Quase não existem preliminares, é penetração e pronto! Isso muitas vezes me faz me sentir um objeto”** (Safira, 25 anos).

Para Swain (2000:84) *“quando se fala em sexualidade feminina a palavra usada é “vagina”, como se fosse a essência e a totalidade do sexo da mulher. Clitóris, pequenos lábios, grandes lábios, pouco se menciona, pouco se conhece destas zonas erógenas por excelência do corpo feminino”*. Talvez este seja um dos motivos pelos quais os homens invistam tão pouco tempo nas preliminares e privilegiem a penetração durante a prática sexual, pois esta última, só é possível, no imaginário masculino e também no de muitas mulheres, onde existe um pênis, ratificando, o que diz Swain (200:81): *“o sexo a serviço da reprodução ou do prazer masculino”*. Assim é construída uma visão genitalizada da mulher, que para muitos não passa de uma vagina, o que pode ser ilustrado pela fala de Opala, 23 anos: **“Você sabe a piadinha que meu namorado me contou? É assim: o que é uma mulher? É aquele pedaço de carne que envolve a vagina”**.

100% das entrevistadas costuma se masturbar, sendo que destas 40% o fazem 3 vezes por semana e 60% em dias alternados. A totalidade utiliza como forma de masturbação a estimulação clitoriana e encara a masturbação como normal apesar de ser um **“prazer solitário”**. 80% alegou ser a masturbação o único momento em que estão totalmente despreocupadas com o julgamento de outra pessoa. **“Apesar de ser um prazer solitário, a masturbação é muito boa, porque posso ser eu mesma, sem me preocupar com o que outra pessoa vai pensar de mim e de como eu reajo sexualmente”** (Ametista, 19 anos).

Importante lembrar aqui que, historicamente coube a mulher o papel reprodutivo, passivo e no dizer de Parker (1991), *“objeto erótico”*, sendo originariamente categorizadas em *“virgens e putas”*. As primeiras, as que nada pedem e se doam, nada cobrando (inclusive o direito ao prazer), as últimas que se entregam indiscriminadamente, sem preocupações, tomam iniciativa e buscam também o prazer.

Desta maneira aludindo a Gagnon (1993) vão sendo criados os *scripts* e entramos num ciclo vicioso que reforça a binarismo macho/fêmea com papéis nitidamente delimitados pela cultura onde a sexualidade está, como diz Swain (2000) a serviço do masculino.

Na atividade sexual com mulheres o tempo médio de preliminares é de 20 a 40 minutos para totalidade das entrevistadas, sendo igualmente 100% o percentual de respondentes que afirmou não haver penetração vaginal na prática sexual com mulheres. **“Com mulher é só sexo oral e estimulação clitoriana.**

Pra que mais, se é isso que dá prazer?” (Opala, 23 anos); ***“Quem acha que mulher gosta de pau é homem. Mulher que é mulher sabe que o que dá prazer é o clitóris”*** (Turquesa, 31 anos).

Segundo Swain (2000) o imaginário coletivo constrói um “*modo de fazer*” no padrão de comportamento homoerótico feminino, uma postura única. Sendo assim, pressupõe fantasiosamente, o uso de artefatos para penetração vaginal, o que acaba por se constituir em apenas mais uma imagem que procura, no sexo entre mulheres, colocar a inevitabilidade da penetração através de um pseudopênis, pois para um imaginário social seria impossível conceber a sexualidade sem o falo, uma vez que o sexo masculino é o detentor da sexualidade.

Como na amostra selecionada, a realidade vivida por mulheres talvez possa criar um contra-imaginário na obscuridade capaz de renovar estas representações estereotipadas.

A autora ainda afirma:

“O ponto G, nova descoberta “*científica*”, seria mais uma justificativa para a falta de orgasmo feminino na relação heterossexual: muito escondido, inexistente, mal colocado, a culpa da ausência de prazer seria mais uma vez da própria mulher, de sua constituição defeituosa. Não de uma relação precariamente vivida, em que a penetração é o signo e a realização sexual. Por quê o obscurecimento do clitóris? Por quê a ênfase à vagina? A resposta a estas questões é quase ociosa: o prazer que se contempla é o masculino” (SWAIN, 2000:85)

Com relação aos sentimentos frente aos problemas sexuais 40% não se considerou com problema sexual algum; 50% manifestou desejo de ter parceiros sexuais homens que dialogassem mais, que fossem mais carinhosos e que ***“Soubessem dar prazer a uma mulher”*** (Jade, 29 anos). Para 10%, o sentimento é de ***“Medo de virar lésbica”*** (Opala, 23 anos) porque só sentem orgasmo, na prática sexual a dois, com mulheres.

Costa (1992) elabora questionamentos em relação à sexualidade masculina que podem muito bem ser adaptados às mulheres. Seguindo o raciocínio do autor, pergunta-se: como designar aquelas mulheres que possuem práticas sexuais com mulheres, mas preferem claramente, como é o caso da amostra, relações afetivas com os homens? O autor afirma que tais sujeitos, na maioria, acreditam ser, em maior ou menor grau, “*homossexuais*”. Por fazerem parte de nossa cultura, não possuem outra maneira de demarcar e denominar o que sentem, a não ser apelando para o vocabulário da “*homossexualidade e heterossexualidade*”, daí o “*medo de virar lésbica*”, (na ausência de outra maneira de se denominar) por todo estigma e sanção social que esta condição encerra.

Ainda que mantenham práticas sexuais com outras mulheres, 90% das entrevistadas se considera heterossexual e 10% (uma) não sabe como se classificar. 40% julga normal a prática sexual com mulheres ***“É só uma forma de incrementar e variar a vida sexual”*** (Granada, 25 anos); 60% não considera “normal” ***“Mas é a única maneira com que tenho orgasmo, excetuando-se a masturbação”*** (Safira, 25 anos). A totalidade faz questão de deixar claro que ***“Com mulheres é só sexo, sem envolvimento”*** (Ágata, 21 anos). ***“Meu negócio mesmo, é homem”*** Turquesa (31 anos).

90% justifica sua prática sexual com homens por considerar-se heterossexual ***“Meu negócio é homem”*** (Turmalina 25 anos); por amarem seus parceiros ***“Eu o amo muito, e faria qualquer coisa que ele pedisse. Sinto tesão, carinho e atração por ele”*** (Esmeralda, 19 anos). 10% não sabe se classificar sexualmente, mas justifica esta prática por sentir atração por homens. ***“Não sei se sou hetero ou o que, mas sinto que não me atraio por mulher, só por homem. Mulher pra mim é só um instrumento para o orgasmo. Mas te pergunto: é preciso dar nome? Eu não sei o que sou, mas sou feliz assim”***. (Jade, 29 anos).

Perguntadas se assumiriam publicamente a condição de lésbica, a totalidade respondeu que não, por não se considerar como tal. ***“Se é uma certeza que eu tenho na minha vida é de que lésbica (com entonação maior nesta palavra) eu não sou”*** (Turmalina, 25 anos).

Costa (1992) afirma que o discriminado é forçado a recorrer ao vocabulário do discriminador para identificar-se como sujeito e para reivindicar a consideração moral à qual aspira.

Por outro lado, Swain (2000), ao falar dos perfis identitários das lesbianas coloca a seguinte questão: por quê temos necessidade de uma identidade senão para responder às exigências de uma moldura binária de pensamento? Cita Braidotti que considera que a identidade de mulheres é “[...] *um conjunto de experiências múltiplas, complexas, potencialmente contraditórias, atravessadas por variáveis como classe, idade, maneira de viver, preferências sexuais, etc., ou seja, uma identidade nômade, na medida em que é móvel, fluída, transitória, em construção*” (p.94). Para Swain esta seria a identidade lesbiana: múltipla, circunstancial, construtora de uma nova ordem sexual.

Para justificar a prática sexual com mulheres, 40% respondeu que exerce esta prática a pedido do parceiro **“Para incrementar a vida sexual porque ele gosta”** (Granada, 25 anos) e relatam que esta prática as permite sentirem-se **“Poderosas e mulheres completas”** (Ágata, 21 anos) por proporcionarem isso aos parceiros. 60% justifica a prática sexual com outras mulheres pela falta de prazer sexual na atividade com os parceiros **“Porque ele não se empenha”** (Safira, 21 anos) ou **“Porque tenho vergonha de dizer o que gosto”** (Ônix, 21 anos). Destas, a totalidade alega que o tempo médio das preliminares é de 5 a 10 minutos e a atividade se resume a penetração. **“É o tempo de dar um beijinho, tirar a roupa, botar pra dentro e gozar”** (Turmalina, 25 anos); **“Cada vez que ele começa, penso que vai ser diferente, mas é sempre igual, tira minha roupa, quando tira, me penetra, goza, vira pro lado e dorme”** (Jade, 29 anos).

Novamente aqui aparece a hegemonia da penetração sobre qualquer outra forma de estimulação sexual da mulher, questão esta já discutida anteriormente, na qual pode-se também acrescentar a visão dos *scripts* de Gagnon (1999) onde, neste caso o homem, teria um *script* que definiria o que deve ser feito com a mulher durante a prática sexual. Este *script*, no imaginário masculino é o de que a mulher para se satisfazer sexualmente necessita tão somente da penetração vaginal, lembrando aqui que as mulheres possuem, segundo Gagnon representações sexuais distintas dos homens, o que levaria ao **“desencontro”** durante a prática sexual. Ressalte-se que, para este autor, examinar as condutas sexuais a partir da perspectiva dos *scripts*, é saber que estas estão impregnadas do contexto sócio-cultural e vivências pessoais.

Swain (2000) acrescenta que sexualidade entre duas mulheres é o **“pacto”** para o olhar masculino, ou seja, no fundo seriam duas mulheres à disposição de um homem. O múltiplo aqui é disciplinado em torno do Uno, as práticas sexuais se expandem, mas o modelo permanece o mesmo. A autora continua afirmando que:

“Isso leva, de fato, as pessoas a se sentirem mais performantes, sedutoras, ganhadoras e se pergunta: até que ponto se tornou um dever, uma tarefa social? Até que ponto a disciplina dos corpos não exige mais sexualidade, prazer efêmero cujos suspiros se prolongam no poder da posse, da dominação, da compra, na multiplicação dos corpos e encontros?” (SWAIN,2000:75)

Ainda segundo Swain (2000), ao nomear, identificar, catalogar as lesbianas enquanto desvio da natureza, caricatura do masculino ou como patologia, a ciência e o senso comum criaram, ao mesmo tempo a sua presença no mundo. Apesar disto, o termo lésbica é carregado de negatividade, o que leva muitas mulheres a sufocarem suas emoções diante do espectro da anormalidade, do pecado, da monstruosidade.

Para totalidade das entrevistadas a prática sexual entre mulheres não caracteriza uma pessoa lésbica e sim o sentimento, carinho, amor, envolvimento, vontade de formar um casal e a falta de atração exclusiva pelo sexo oposto. **“Lésbica é aquela mulher que só sente tesão por mulher, não sente nenhuma atração por homens e sonha em se casar com uma mulher um dia”** (Granada, 25 anos); **“Lésbica é toda mulher que tem nojo de homem e só tem tesão por mulher”** (Opala, 23 anos); **“lésbica é toda mulher que sonha em se casar com outra mulher”** (Turmalina, 25 anos); **“lésbica é aquela mulher que sente amor de mulher por outra mulher e só transa com mulher”** (Turquesa, 31 anos).

O conceito de lesbianismo das mulheres entrevistadas vem ao encontro da afirmação de Costa (1992) de que o critério escolhido para ser o divisor de águas entre a falsa e a verdadeira homossexualidade é o da atração, sendo que a imagem evocada é a do amor romântico ou do apaixonamento. O verdadeiro homossexual seria aquele que encarnaria o ideal do erotismo romântico, só que dirigido a pessoas do mesmo sexo. Na percepção desta amostra, a prática sexual entre mulheres, não se constitui em prática homoerótica e, portanto, em lesbianismo.

Para 40% das mulheres deste estudo existem diferenças entre a prática sexual com homens e com mulheres, pois para este grupo a prática sexual com homens envolve sentimento, desejo, prazer, carícias, afagos, companheirismo e com mulheres envolve somente o prazer em si. **“Homem dá mais tesão, mais prazer, dá vontade de beijar, agarrar, dormir juntinho, fazer planos. Com mulher, depois da transa, dá nojo, vontade de ver ela sumir”** (Granada, 25 anos). Para 60%, excetuando-se o prazer que não existe na prática sexual com homens, a mesma envolve, assim como para as do primeiro grupo, sentimento, carícias, afagos, companheirismo e com mulheres envolve igualmente, somente o prazer sexual. **“Homem dá vontade de abraçar, beijar, acariciar, dormir junto, só que não dá prazer. O prazer acaba sendo dar prazer ao homem. Com mulher é só tesão e prazer. Não tem carinho, nem amizade, nem nada. É só um instrumento de prazer a dois”** (Turmalina, 25 anos).

40% respondeu que se sente satisfeita com a vida sexual, e 60% também, se somar os três tipos de prática sexual: com homens, mulheres e a masturbação. **“Um complementa o outro e como resultado final, sou sexualmente satisfeita”** (Ônix, 21 anos). **“Se contar só a minha vida sexual com meu namorado, não é satisfatória”** (Safira, 25 anos).

Swain (2000) afirma que o espaço vivido das práticas sexuais homoeróticas entre mulheres se reduz na proporção do medo, da sujeição, da vergonha de ser “diferente”, pois a palavra lésbica designa e constrói ao mesmo tempo todo um campo de representações negativas.

Nesta ótica manter o *script* heterossexual é para muitas mulheres, a única saída visando uma aceitação social.

Como já comentado, para este grupo de mulheres do estudo, a prática sexual entre mulheres não caracteriza homoerotismo e sim mais uma opção na busca de uma vida sexual prazerosa.

Por último, perguntadas sobre quem mais, além delas próprias têm conhecimento sobre sua prática sexual com outras mulheres, 40% respondeu: **“Além de meu namorado, você”** e 60% respondeu **“Somente você”**, o que ratifica o que já foi comentado sobre o medo e o risco de se assumir uma prática sexual divergente da que dita a norma social.

No espaço do questionário reservado aos comentários que julgassem necessários quatro entrevistadas, fizeram os seguintes comentários:

“Acho essa pesquisa muito importante, para provar que já foi o tempo de papai e mamãe, que hoje cada um faz o que quer com a sua sexualidade, sem necessidade de rotular as pessoas, classificando-as nisso ou naquilo, afinal o que importa é cada um ser feliz sem machucar os outros”. (Jade, 29 anos).

“Acho que nessa pesquisa deverias tentar responder há uma pergunta que tenho comigo há muito tempo: qual é a necessidade de dar nome aos bois? O que importa se uma pessoa é hetero, homo, bi, ou tri? Alguém paga as minhas contas? Se eu não agrido ninguém faço o que eu quero da minha vida”. (Turmalina, 25 anos)

“Obrigada por me dar oportunidade de falar francamente sobre minha sexualidade”. Há tempo precisava falar... Parece que um peso saiu das minhas costas”. (Ágata, 21 anos)

“Acho que as lésbicas, falando o tempo todo do lesbianismo, lutando pela causa, só aumentam o preconceito. Por quê não deixar as coisas acontecerem no privado? Quem quer ser lésbica, ou bicha, ou puta, ou virgem, que seja. Chega da gente estar o tempo todo querendo discutir a sexualidade dos outros, com tanta coisa importante pra discutir nesse mundo”. (Granada, 25 anos)

4. Fazendo as Considerações Finais

Nos dias atuais, em consequência da chamada “revolução sexual”, vivemos numa época de liberação sexual aonde muitas normas, mitos e tabus em relação à sexualidade vem sendo quebrados. Vivemos um incessante estímulo a expansão do desejo sexual e a busca da liberdade individual, o que levou Foucault (1988) a considerar que o mundo moderno tem sido regido por um dispositivo de sexualidade, ou seja, uma rede de investimentos de toda ordem que trazem ao centro social o sexo e a sexualidade que passa, segundo o autor, a adquirir uma importância máxima. Nesta ótica, o sexo e as práticas sexuais constituem-se na chave do controle de si e do outro.

Apesar desta aparente liberalidade sexual, ainda vivencia-se uma frágil tolerância social quanto às escolhas individuais, o que, entre outros, faz com que o discurso da homossexualidade e, em especial o da homossexualidade feminina seja ainda um discurso fragmentado em diversas falas, dispersas em contextos variados, num mundo dividido entre “normais” e os “anormais, desviantes invertidos”, onde a tendência é a exclusão e a condenação à marginalidade dos que não se enquadram na ordem do binarismo heterossexual. A consequência é que a palavra lésbica, no dizer de Swain (2000:57): “designa e constrói ao mesmo tempo todo um campo de representações negativas”.

Para Portinari (1989) a busca do entendimento da gênese da homossexualidade feminina visa, acima de tudo, saber se esta última é uma opção ou uma determinação. Ressalte-se que a hipótese de que ela seja uma determinação, portanto, da natureza, implica diretamente na possibilidade de uma tolerância social para aquilo que, a priori, seria “intratável”. Tal discussão remeteria a outra que seria a questão da liberdade versus determinação do sujeito.

Ao longo deste estudo foi visto que a heterossexualidade compulsória passou a ser encarada como regra universal, determinando a integração social nos papéis de masculino e feminino. Tal hegemonia da heterossexualidade reduziu a quase zero os limites de tolerância para práticas sexuais diversas. Nesta diversidade de prática sexual, estão inscritos aqueles categorizados como homossexuais, por não se adequarem a um mundo onde o “normal, natural” é a polarização das relações no binarismo da oposição macho/fêmea, homem/mulher.

Por irem para além desta oposição, as mulheres que praticam sexo com outras mulheres são inscritas na categoria de “lésbicas”. Buttler, citada por Swain (2002:27) indica que: “Quando Wittig explica que a lésbica, tendo em vista a oposição binária 'homem/mulher', subestima de fato que, colocar-se além desta oposição não é senão uma maneira de ainda estar ligada a esta oposição, o que ainda constitui uma relação binária”.

As mulheres aqui entrevistadas possuem parceiros sexuais do sexo oposto (namorados), mas mantém prática sexual com mulheres. Os motivos alegados para esta prática são, para 40% o incremento da vida sexual a dois (a pedido do parceiro) e para os 60% restantes, a falta de orgasmo na prática heterossexual, cujas causas alegadas são a falta de comunicação, o medo de verbalizar suas necessidades por vergonha/medo de julgamento e a falta de desempenho adequado do parceiro. Relatam ainda que só encontram o orgasmo na prática sexual com outras mulheres, prática esta que a totalidade das entrevistadas considera normal, mais uma (ou para algumas a única) maneira de obter orgasmo no exercício da sexualidade a dois. Nenhuma se considera homossexual. Seriam elas homossexuais, lésbicas, homoeróticas? Que identidade lhes conferir?

Swain (2002) argumenta que o lesbianismo não pode constituir uma identidade, pois esta denominação representa apenas um amálgama de questões, um conjunto de práticas diluídas no desenraizamento das categorias “mulher” e “gênero”. Reinvidicar uma identidade lesbiana seria fazer parte

de um contra-imaginário domesticado e ver nisto uma coerência identitária tão ilusória quanto a coerência de gênero.

Portanto, pode-se dizer que a falta de identificação destas mulheres com o lesbianismo, a despeito de sua prática sexual com mulheres, faz parte da liberdade individual e da diversidade sexual humana, que aponta para num novo caminho, livre de definições, no dizer de Butler, citada por Swain (2002:27) “[...] *um fenômeno cultural múltiplo, um gênero sem nenhuma essência unívoca*”, ou no dizer da própria Swain (2000:86):

“não há UMA sexualidade lesbiana, pois não há modelo a ser seguido, não há uma receita, não há mistérios; presente-se uma busca e um conhecimento do próprio corpo que é utilizado no prazer de outrem e de si mesmo” e afirma (2000:68) “em uma nova configuração, os sexos seriam embaralhados e confundidos e eis que surgem pessoas no lugar do gênero binário”.

O depoimento de Jade, 19 anos, uma das mulheres entrevistadas, ilustra esta nova perspectiva:

“Já foi o tempo de papai e mamãe, hoje cada um faz o que quer com a sua sexualidade, sem necessidade de rotular as pessoas, classificando-as nisso ou naquilo, afinal o que importa é cada um ser feliz sem machucar os outros”.

A fala das mulheres deste estudo evidencia que a sua prática sexual com mulheres é homoerótica, na medida em que Costa (1992:22) define o homoerotismo como a *“possibilidade que têm certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico”* (grifo meu), mas evidencia acima de tudo, que esta prática está permeada por scripts intrapsíquicos e interpessoais de desaprovação frente a um ideal sexual culturalmente construído levando-as a, no dizer de Swain (2000:90): *“[...] suas preferências e a erotização em torno do masculino”*. Por outro lado, demonstra uma característica comum a todas: a capacidade de transgredir a *“norma”* na medida em que não estão atreladas a interdições que definem sua mobilidade, pois ainda com restrições, fazem o movimento de se deslocar da prática exclusivamente heterossexual para prática homoerótica, assumindo, ainda que no âmbito do privado a pluralidade na conduta sexual humana.

Porém o dado que mais se evidencia neste estudo é que esta mesma fala aponta para necessidade de, neste início de um novo milênio, estarmos abertos para a diversidade de, parafraseando Swain (2000:88), *“[...]experiências singulares de um ser-mulher-no-mundo”*, com *identidades múltiplas que viriam a construir uma nova ordem sexual*”. Utopia?

Costa (1992:38) aponta uma possibilidade, quando afirma:

“Não podemos mudar nossos padrões sexuais por decisão de um ou de muitos, assim como não podemos “desaprender” a língua em que aprendemos a falar. Mas se não podemos ‘desaprender’ nossas linguagens e sexualidades maternas e paternas, podemos aprender outras línguas”.

6. Citando a Bibliografia Utilizada

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**. Rio de Janeiro, Editora Relume Dumará, São Paulo, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- _____. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- _____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- _____. **Sexe, pouvoir e la politique de l'identité** IN: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**, vol IV, Paris, Editions Gallimard, 1980-1988.
- FRY, Peter & MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo, Brasiliense, Primeiros Passos, 1983.
- GAGNON, John H. “Les Usages explicites et implicates de la perspective des scripts dans les recherches sur la séxualité”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. N. 128, juin 1999, p. 73-9.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo, Ed. UNESP, 1993.
- Mac RAE, Edward. **A construção da Igualdade. Identidade Sexual e Política no Brasil da “abertura”**, Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- PARKER, Richard G. **Corpos, Prazeres e Paixões**. A cultura Sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo, Ed. Best Seller, 2000.
- PORTINARI, Denise B. **O discurso da Homossexualidade Feminina**. São Paulo, Brasiliense, Primeiros Passos, 1989.
- SWAIN, Tânia N. **O que é lesbianismo**. São Paulo, Brasiliense, Primeiros Passos, 2000.
- _____. **“Feminismo e Lesbianismo: quais os Desafios”**. *Labrys. Estudos Feministas*, 1-2, julho/dezembro 2002. Disponível em [http:// www.unb.br/ih/his.gefem](http://www.unb.br/ih/his.gefem)

APÊNDICE 1 (Questionário Aplicado)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DOUTORADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Levantamento de Dados

Prezada colaboradora, queira por gentileza, preencher os itens abaixo com os dados solicitados ou simplesmente marcando com um “X”, junto aos quesitos, conforme cada caso. É importante que TODOS os itens sejam preenchidos.

1. Idade: _____ anos completos.
2. Naturalidade: _____
3. Procedência: () área urbana () área rural
4. Escolaridade: _____
5. Estado Civil: _____
6. Religião: _____
7. Profissão/Ocupação: _____
8. Renda Mensal aproximada: _____
9. Você mora: () sozinha () com os pais () com amigas
() com companheira () com companheiro
() com parentes () com filha(o/s) () outro

Se você mora com uma companheira, há quanto tempo? _____

Se você mora atualmente com uma companheira ou sozinha, já morou com um companheiro do sexo oposto? () Sim () Não

Em caso afirmativo, por quanto tempo? _____

10. Caso você possua companheira (o) no momento, responda em relação a mesma (o):
11. Idade: _____ anos completos.
12. Naturalidade: _____
13. Procedência: () área urbana () área rural
14. Escolaridade: _____
15. Estado Civil: _____
16. Religião: _____
17. Profissão/Ocupação: _____
18. Renda Mensal aproximada: _____

Dados relativos à Sexualidade

1. Início da Atividade Sexual: _____ anos.

2. A primeira atividade sexual foi com: () homem () mulher
 3. A primeira atividade sexual foi: () com penetração () sem penetração
 4. Você sentiu orgasmo no início da sua prática sexual? () Sim () Não
 5. Como você descreveria o início da sua atividade sexual?
-
-

6. Com que idade você teve a primeira experiência sexual com uma outra mulher?

7. Como você descreveria esta experiência?

8. Como sua religião encara o sexo?

9. Você concorda com sua religião? () Sim () Não

10. Você age conforme sua religião solicita? () Sim () Não

11. Isto lhe traz algum conflito? () Sim Não ()

12. Como você descreveria sua vida sexual atual?

13. Você tem abertura para falar o que deseja com seu parceiro (a,s) sexual (is)?
 () Sim () Não

14. Você tem abertura para falar de suas dificuldades sexuais com seu parceiro (a,s) sexual (is)?

15. Você tem abertura para falar de suas facilidades sexuais com seu parceiro (a,s) sexual (is)? () Sim () Não

16. É costume confessar desejos sexuais, necessidades de carinho, de ambas as partes durante a prática sexual? () Sim () Não

17. Você tem por costume, ou ainda, é de seu perfil tomar a iniciativa para a atividade sexual? () Sim () Não

18. Tomar a iniciativa para atividade sexual traz algum problema para você?
 () Sim () Não () às vezes

19. Alguma vez você se sentiu frustrada por iniciar a atividade sexual?
 () Sim () Não () às vezes

20. Na atividade sexual com homens, quanto tempo em média é dedicado as preliminares? _____

21. Na atividade sexual com mulheres, quanto tempo em média é dedicado as preliminares? _____

22. Na sua atividade sexual com mulheres existe penetração vaginal?
 () Sim () Não _____

23. Como você se sente frente aos seus problemas sexuais?

-
24. Você costuma se masturbar? () Sim () Não
De que forma? _____ Com que frequência? _____
25. Qual a sensação/ sentimento em relação a masturbação?

26. Você conhece as áreas de seu corpo onde gosta de ser tocada, acariciada, áreas que lhe proporcionam maior prazer? () Sim () Não
27. Em caso afirmativo, você verbaliza para seu (s) parceiro (a/s)? () Sim () Não
28. Em caso negativo, por quê não?

29. Você se considera: () heterossexual () homossexual () bissexual
() Não sei como me classificar
30. Como você encara a prática sexual entre mulheres?

31. O que leva você a ter prática sexual com outras mulheres?

32. O que leva você a ter prática sexual com homens?

33. Quem, além de você sabe da sua prática sexual com outras mulheres?

34. Utilize este espaço para fazer os comentários que julgar necessários: